

BEM HUMANO EM ARISTÓTELES



Por: Cássio Vinícius Steiner de Sousa
Orientação: Raphael Zillig

**É possível viver uma vida racional sem criar alguma concepção de bem?
Seria razoável dizer que somos seres que vivem sem propósito algum?
Há algo em nossas vidas que desejamos acima de qualquer outra coisa?**

A Ética a Nicômaco de Aristóteles figura sem muita dificuldade entre as grandes obras que nos foi legada pelo engenho e a capacidade reflexiva da humanidade. Um dos conceitos mais importantes, e sem dúvidas o mais fundamental, de todo projeto ético apresentado em tal obra é o de bem humano. Nesses termos, ter uma boa compreensão do que está envolvido na concepção de bem humano, no contexto da filosofia prática de Aristóteles, é condição para que se tenha uma boa noção do seu projeto como um todo, e ajuda a evitar diversos equívocos de interpretação associados tanto ao próprio conceito quanto àqueles que com ele se relacionam.

No contexto da filosofia moral de Aristóteles é correto dizer que todos os seres humanos desejam, por natureza, a perfeição. Não a perfeição tomada de modo geral, mas precisamente aquela relativa a seres racionalmente “desejantes” como nós. Esta perfeição, que nos é de todo peculiar, é aquilo que Aristóteles chama de bem humano. O presente trabalho tem por finalidade apresentar o argumento de Aristóteles em defesa do bem humano e mostrar quais as conseqüências podemos extrair de sua negação.

Se há algo como o bem humano ou aquilo que entendemos por nossa perfeição peculiar, então – diz Aristóteles: “não terá o seu conhecimento, porventura, grande influência sobre a nossa vida?

Semelhantes a arqueiros que têm um alvo certo para sua pontaria, não alcançaremos mais facilmente aquilo que nos cumpre alcançar?”